

TROCANDO IDÉIAS: EM VISITA A ANAYDE BEIRIZ – PEREGRINA DA LIBERDADE – ENSAIO

Ricardo Japiassu¹

*A altivez é o traço predominante do meu caráter,
porém minha mágoa mais dolorosa é saber-me
impotente para vencer meu destino.*

Anayde Beiriz

Face Revelada

Na tese de doutoramento “Tecendo fios de liberdade: escritoras e professoras da Paraíba no começo do século XX”, realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Ana Maria Coutinho de Sales, sobre a escritora e personagem polêmica da História, Anayde Beiriz, indaga: “De que matéria é feita uma mulher que, no começo do século XX, já falava em liberdade, lutava pelos direitos femininos, ocupava um lugar de destaque no mundo literário e trabalhava no sistema educacional da Paraíba?” Uma única resposta parece plausível, a mesma que venho, em muitas circunstâncias, argumentando. Coragem é a matéria que constitui as pessoas que estão, de alguma forma, à frente do seu tempo, intentam em viver a liberdade e, com determinação, realizam o destino. Especificamente, quanto a Anayde Beiriz, recorro ao básico: apaixonou-se e realizou amor, com coragem, num tempo em que esses sentimentos maiores eram execrados e excomungados.

No ano em que se festejou o seu centenário de nascimento, 2005, muito se falou sobre a temática. Mas, a que conclusão chegaram os debatedores? As respostas são díspares. Primeiro contato com a jovem Anayde Beiriz – pois que veio a falecer aos 25 anos – aconteceu entre setembro de 1990 e setembro de 1991, quando participei, na qua-

¹ Doutor em Letras, jornalista especialista em Crítica Cultural e escritor.

lidade de aluno do curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco da pesquisa. *O outro discurso – Ensaístas pernambucanas no século XIX*, com bolsa de iniciação científica concedida pelo CNPq, projeto coordenado pela professora Luzilá Gonçalves Ferreira, então coordenadora do Grupo de Trabalho A Mulher na Literatura. Ao percorrer o acervo da biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco, deparei-me com publicação feminina bastante curiosa, *Revista da Cidade*. Esta publicação, enquanto explorava a temática sobre moda e fotografias de mulheres que se destacavam à frente das tradicionais e conservadoras escolas femininas recifenses ou falava em submissão aos maridos, também anunciava, com distinção e fulgor, a chegada, ao Recife, “vinda da cidade da Parahyba do Norte, da senhorinha Anayde Beiriz.” Era o ano de 1928, quando, a 13 de outubro, exatamente na edição de número 125, já no terceiro ano de circulação, a professora paraibana apresentava o texto em prosa, *O amor perdoa...*

Do total da produção, apenas alguns textos não foram incinerados após a sua morte, pois escaparam de serem, como os demais, considerados obscenidades. Assim, escapou do fogo esta crônica/conto, em papel sedoso, circulada por traços verdes e desenho de mulher se destacando por entre o título, com assinatura no rodapé da folha. Antes, porém, de adentrarmos à análise textual, na qualidade de crítico literário, apresento alguns aspectos concernentes, especificamente, à feitura do ensaio. Primeiro, apesar de ser negada pela história – pelo menos na bibliografia sobre a qual me debrucei por primeiro – é inegável a vivência de amor totalitário com o advogado João Duarte Dantas, por dois anos de convivência pelo menos. Ele ostentava quase o dobro da idade dela. Torna-se, claro, porém, que resgatar tal face da escritora não é meu objetivo, e sim, apresentar sua luta libertária, tendo como instrumento de batalha a literatura e a própria inscrição na vida. Anayde Beriz, aos meus olhos, constituiu-se de duas matérias: a afetiva e a intelectual. A segunda, objetivo primordial do ensaio: *Trocando idéias: em visita a Anayde Beiriz – Peregrina da Liberdade*. Reitero, também, que foram necessários 16 anos até que eu produzisse este texto. Tempo do fruto maturar. Necessitei viver antes a compreensão da personagem em foco.

Vida: é ela o instrumento de compreensão e formatação intelectual. Daí, a escolha pelo material coletado em Pernambuco, durante a minha pesquisa, e, na Paraíba, da professora Ana Maria Coutinho de

Sales, pelo material transcrito na sua tese. Desse total, infelizmente, por motivos técnicos de tempo e impossibilidade de maiores investimentos financeiros exigidos à pesquisa, não tive acesso às publicações que a autora comenta em carta, datada de 10 de agosto de 1925 (2005, p.60) ao noivo, Heriberto Paiva, paraibano estudante de medicina radicado no Rio de Janeiro, a quem tratava por Hery. Aponto, aqui, os periódicos, sobre os quais outros pesquisadores poderão debruçar-se: um conto na revista paraense *Belém Nova*; outro no jornal *Pilhéria*, do Recife, bem como no *Jornal do Recife*; além de dois outros, cuja cidade de circulação do periódico não é apontada: *O Jornal e Era Nova*. Correspondendo-se com Hery (2005, p. 117), em longa missiva, datada de 7 de março de 1926, informa a feitura de novo conto à *Tribuna*, do Pará e, também, de crítica “bastante lisonjeira” sobre seus contos, publicada no periódico recifense *A Pilhéria*, de autoria do decantado poeta Austro-Costa, nome valoroso da poesia pernambucana nos anos 20/30.

O Debruçar Sobre Uma Escrita Feminina

Segue, à análise, o primeiro dos textos – conto/crônica – de Anayde Beiriz.

O AMOR PERDOA...²

Tinha uma boca que sorria sem alegria e uns olhos que choravam sem lágrimas...

Loira como uma partícula de sol.

Chamava-se: - um nome pequenino como ela mesma – Nelly. Viera de longe, lá das terras das montanhas geladas, dos lagos cristalizados, dos países nevoentos onde não há claridade de sol...

Tinha, por isto, a cor da neve que vestia o cume das montanhas da sua terra.

Conheci-a, de lá. Apresentou m’ a o amante, o romancista Jean Martin, por quem a sabia apaixonada.

– Encheu-me a vida de encantamento e o coração de amor – disse-me ele, alegre, um sorriso comovido no rosto simpático. Foi isto há dois anos, quase. De então, não mais ouviu falar nela.

² Revista da Cidade, 13 de outubro de 1928. Ano III, nº 125.

Daí, a minha surpresa encontrar-lhe errando na multidão cosmopolita que enchia o salão do hotel, a tristeza azul do olhar e a rósea doçura do sorriso...

– Já não sabe quem sou, juro-o...

Estendeu-me a mão, longa e branca, que a gota de sangue de um rubi manchava. – Juraria falso, acredite.

Apertei-lhe os dedos fuselados, de unhas polidas, dizendo-lhe da minha alegria – mesclada à curiosidade – de avistá-la ali. Sorriu, apontando-me, convidativa, um lugar perto de si.

Teve uma frase banal:

– Contingências da sorte, minha amiga.

Conversamos, frivolamente, longamente.

– Jean?

Recolheu o sorriso, e numa emoção inconsciente:

– Em Nice. Escreve um novo romance e ama uma nova mulher. A ninguém que, involuntariamente, lhe escorria da voz, re-freou-me a pergunta indiscreta.

Compreendeu-o. Calou-se também, escondendo nesta mudez a resignada amargura da sua saudade, a revolta inútil do seu desespero.

Logo, continuou... A voz parecia ter freio:

– Há três meses. Deixou-me por uma atriz, uma bailarina espanhola que o enganara e por quem, dizem, está enlouquecido de paixão.

Talvez seja por isso que ele a ame tanto.

Eu nunca lhe fui infiel; era-lhe estupidamente sincera e isso, por certo, o aborrecia.

Os homens, parece, têm a volúpia de serem ou de se crerem enganados. A imutabilidade do sentimento da mulher amada enfara-os. Só o amor que apresente a traição pode viver, porque o ciúme não o deixa morrer.

Mas eu não sabia ainda isto, não podia saber... E só agora, que é tarde, aprendi...

Silenciou, outra vez. Olhou lá fora.

No céu muito azul, varrido de estrelas, apenas o recorte luminoso do crescente.

No jardim, as flores dormiam, ressonando perfumes. As rosas eram chagas sangrentas, abertas no corpo verde das roseiras...

O lago, com frio, enrola-se no lençol do luar.

Do salão, chegavam-nos uma surdina de vozes e o choro do violino que se desmanchavam em lágrimas de sons.

Como demorasse calada, insinuei consolando:

– Mas isso não durará, talvez, longo tempo.

A paixão morre breve, quando não se torna amor.

*E, sinceramente, não creio que ele ame essa mulher.
A saciedade de uma trará depressa a saudade da outra... Quando o souberes sozinho, Nelly, vai ter com ele...
Na paisagem triste do olhar, o Sol Verde brilhou, mas no sorriso nevavam ainda desenganos.
Replicou:
– Mesmo que fosse como dizes, eu não seguiria o teu conselho... Seria isso a confissão de que não o esqueci, no abandono. Não. Ele não haverá nunca de saber que eu sofri, nem de dizer que eu o incitei a essa volta ao passado...
– Mas então é que não o amas; não o amaste nunca. Não amou nunca, quem não perdoa muitas vezes. E recusas perdoar, apenas uma vez...
Calcou a gota sanguínea do rubi: olhar novamente, lá fora, agora com um olhar mais demorado...
E concluiu, baixo, a voz menos triste, mais doce:
– Iria. Perdoaria... se Ele me pedisse que o perdoasse...*

Depois de percorrer estas breves linhas da crônica/conto observa-se uma série de aspectos de estrutura literária simples, sem aprofundamento de algumas características dos grandes escritores, tais como, por exemplo, a observação do espaço, tempo e caracterização de personagens, de forma mais acurada. Isto, tendo-se em vista ser uma escritora que, durante a Semana de Arte Moderna, em 1922, declama poema, no molde proposto por Mário de Andrade, em reunião de intelectuais paraibanos.

A grande questão é: por que revista voltada à burguesia e à elite pernambucanas publica texto que fala, abertamente, em transgressões femininas, tendo em vista que Nelly é personagem amante de Jean Martin? A *Revista da Cidade* preocupava-se, sobretudo, com a frivolidade da elite e os bons costumes ditados à época. Tanto assim que publicou recepções aos coronéis no interior do Estado, tal como procedeu com as festividades em torno do regresso do Coronel Antônio Japyassú a Arcoverde. Que força atrativa exercia esta jovem professora sobre a sociedade conservadoramente açucarocrata? Se pelo menos o texto se tratasse de obra-prima literária, mas não. A contento, concluo que era o espírito libertário e pulsante de Anayde Beiriz que irradiava tantas boas sensações ao seu entorno. Outra justificativa não há, pelo menos no que concerne à *Revista da Cidade*.

No texto, a autora também rompe os grilhões do tempo no qual vivera, antecedendo a forma de diálogo e contrariando as imposições masculinas – ditame da época –, quando às mulheres cabia a obediência e o silêncio e, aos maridos, inclusive, tantas traições conjugais quantas desejassem. Por sua vez, a autora fala no perdão, em regresso ao aconchego do ente amado, aqui representado pelo escritor Jean Martin. No texto, reencontro ocasional, desenvolve-se conversa entre a estrangeira Nelly e outra personagem não identificada. Após período literário introdutório, as duas mulheres – pois que se tratam de vozes femininas – se referem ao desfecho da paixão, que se esvai facilmente quando não se constrói o amor. Por fim, opina sobre a possibilidade de perdão, no sentido de retomar amor calcado sobre afeto antigo. Curiosamente, as duas protagonistas apontam características femininas e masculinas, na tentativa de marcar, de forma literária, o que hoje convencionaríamos denominar de questões de gênero. Concluo: autora cujo mérito era estar à frente do seu tempo, em “busca de uma verdade que sempre escapa, nunca se deixando apreender” (2006, p. 12).

À luz da modernidade, pode-se dizer o seguinte: encontramos personagem-narradora que, no bojo do texto, fará sempre o possível para

[...] emergir a face feminina, com valor positivo, se colada ao ideal masculino, ou negativo, se marcada pelo estatuto da diferença. Veremos, também, como o texto da modernidade tentará desmistificar a ideologia da representação, desenvolvendo o artifício de sua produção, a não verdade do texto, na complexidade discursiva que o faz revelar-se como produto de vozes enunciativas e não como uma verdade que preexiste à linguagem (2006, p. 17).

Eis a crítica contemporânea. Mas o que aproxima o texto de Anayde Beiriz ao olhar da contemporaneidade? Reitero: o avançar das idéias. Para tanto, é preciso visitar a vida da autora.

Uma vida e sua faceta literária

Anayde Beyriz nasceu a 18 de fevereiro de 1905, na capital paraibana, então Parahyba do Norte. Filha de Maria Augusta e José da Costa Beiriz, a escritora foi ouvinte atenta das leituras, em voz alta, nos saraus domésticos, dos insurgentes: Nísia Floresta, feminista; Lima

Barreto, pobre mestiço vítima das desigualdades sociais e raciais e, por fim, o abolicionista Castro Alves. Pode-se referendar: compõem tríade de intelectuais contra os ditames comuns às suas épocas. Certamente, costumes familiares e leituras intelectualizantes conduziram a formação espiritual e intelectual da jovem professora, justamente, conforme mencionei, o que nos interessa apresentar neste ensaio. Sempre à frente da contemporaneidade, foi diplomada aos 17 anos, destacando-se em primeiro lugar na turma da Escola Normal. Dessa forma, enquanto o Recife, como capital adiantada do Nordeste, de vida cultural mais intensa do que a atual João Pessoa, torna-se o palco de desenrolar social, misto de evasão literária e aconchego afetivo.

No Recife, juntamente com o grande amor João Duarte Dantas – quando a conheceu tinha por volta dos quarenta anos – vem a deixar o mundo, tomando dose de veneno, na Casa de Detenção, quando recolhida à congregação das freiras do Bom Pastor, que recolhia também prostitutas e ladras. Não se negando a viver, mas não aceitando também viver conforme os ditames do mundo que a cercava. Amava João Dantas e tomou essa decisão a muito pena, após o seu assassinato. No meu entender, já se ressalta nela a qualidade de mulher que ousou, na publicação do conto/crônica *O amor perdoa...*, com bastante leveza e fluência, ao abordar as diferenças e os costumes do sexo masculino, frente à sensibilidade peculiar às fêmeas, neste caso específico, desempenhando o papel imaginário de amante. Amante: eis a tópica da crônica/conto. Há outros textos que trago à baila.

Além de notinhas sobre a estada no Recife, a *Revista da Cidade*, durante os festejos da sua centésima edição, em 21 de abril de 1928, Ano III, publica texto anterior, em prosa, de Anayde Beiriz, ou seja, outro misto de crônica e conto, intitulado *Meu boneco de Natal*. Singelo – por que não dizer suave repete-se no enredo simples, sem grandes tramas problemáticas; parece, nas entrelinhas, esconder algo relacionado aos amores proibidos, à paixão velada, constante na temática da escritora. Segue o texto:

MEU BONECO DE NATAL

Um dia Papai Noel se lembrou de mim. E me trouxe um boneco louro como um príncipe dos contos da Carochinha... Muito bonito. Muito grande. Assim deste tamanho...

Eu gostava de brincar com ele. E queria muito bem ao meu boneco de Natal. Ele tinha um nome de quatro letras que nem sei mais...

Eu dizia que Papai Noel tinha trazido do céu um pedacinho de nuvem branca para fazer o rosto do meu boneco. E também um bocadinho dos cabelos do sol para botar na cabeça dele. E mais duas estrelinhas azuis para pregar-lhes nos olhos...

Foi o meu mais lindo boneco louro. Tão lindo que me esquecia da vida quando olhava para ele. Então o enchia de porção de beijos. Sua boca era como uma pitanga madura, e tão doce como uma pitanga madura...

Mas um dia Papai Noel teve ciúmes dos beijos que eu dava no meu boneco louro e veio buscá-lo para dar a outra...

Eu zinguei com Papai Noel. Chorei muito.

Todos os dias eu me lembro do meu boneco de Natal e tenho tanta saudade de sua face de nuvem, de seus cabelos de sol e de seus olhos de estrelas...

É muito claro que, nesse texto, Anayde Beiriz não está tratando de simples presente de Papai Noel. Na verdade, ela utilizou tal figura de linguagem, o velho bonachão, que enche qualquer criança de alegria, e o transformou em alegoria. Nesse sentido, afirmo o quanto pensava, se debruçava, sobre a doçura das paixões. A criança pode diferenciar o sabor de beijo? Logo beijo com sabor de pitanga, fruto típico da zona costeira nordestina, dos manguezais. Em momento algum se trata de obra infantil, de brincadeira de Papai Noel, muito embora, a princípio, pareça. Na verdade, é confissão de amor – recado a João Duarte Dantas? Pois que nome de quatro letras: J O ã O – realizado através da publicação da *Revista da Cidade* que, hoje, obra rara, nos legou este presente da autora: ousou singrar marcas do tempo, impondo-se livre. Então, teceu, com a existência, significativa parte da História da mulher no alvorecer do século XX. Não é à toa que jamais foi esquecida. Se o Recife a festejou nos anos 1920, durante a sua estada aqui, nesta breve releitura dos seus dois únicos textos editados pela *Revista da Cidade*, eu a enalteço agora.

Na opinião da professora de Literatura, Ana Maria Coutinho de Sales, ao se debruçar sobre a face da poetisa, encontram-se os problemas de identidade de gênero e os de discriminação, marginalidade e exclusão, daí a metáfora de *Peregrina da Liberdade*. Concentrada num sujeito audacioso que, corajosamente, luta pela liberdade. No *Dicio-*

nário de Mulheres do Brasil (2000, p. 70), Schuma Schumacher escreveu: “a memória de Anayde – nos seus movimentos de resistência a qualquer forma de exclusão³ – foi recuperada pelo movimento feminista pós-75, que colocou sua tragédia na conta dos preconceitos que duramente afligem a vida das mulheres.” História recuperada para contemporaneidade que, nos festejos de 62 anos da morte dessa paraibana, a 17 de março de 1992, em seção especial na Assembléia Legislativa da Paraíba, por iniciativa do Centro da Mulher 8 de Março e do deputado petista Chico Lopes, no convite à solenidade, propunha ler o poema, de autoria do conterrâneo Vanildo Brito:

PAVANA PARA ANAYDE:

Anayde Beiriz, o tempo é cego
Por entre os seus escuros labirintos,
Mas não desfez o itinerário certo
Da verdade sepultada sob os mitos
Da História. O teu martírio infante
Viverá sempre como os sonhos vivem –
Entretecidos de fatalidades
No sudário sem cor da morte livre.

Anayde Beiriz, a mão do tempo
Refez a tua face peregrina.
Não dormes mais no esquecimento.
Vives no sempre, Fábula menina.

Na mesma ocasião, a professora paraibana Irene Marinheiro, na edição de 21 de maio de 1992 do jornal *O Norte*, publicou:

Anayde Beiriz merece ser lembrada como uma mulher que superou preconceitos de uma sociedade autoritária, machista e discriminatória. Durante cinqüenta anos a feminista foi ignorada e difamada pelas versões oficiais da política brasileira, além de ter sido perseguida. Em 1980, José Joffily resgatava a verdadeira história de Anayde Beiriz, mulher de idéias avançadas, que combateu o conservadorismo, assumiu seus atos, suas idéias e seu amor por João Dantas”.

³ Inserir no texto esta frase, no sentido de enriquecer a opinião do autor.

No ensejo de recuperar a memória da protagonista deste ensaio, retornando ao Centro da Mulher 8 de março, acima citado, encontraram-se, no seu arquivo, algumas poucas anotações que recalitraram em viver, mesmo ante as ocorrências trágicas de 1930, quando quase toda a sua memória escrita foi consumida pelo fogo, vítima que foi do preconceito contra seu modo de agir naturalmente. Com tal ocorrência, pois, tentou-se apagar uma memória, por si só, já inserida na história.

No seu diário, por exemplo, transcreveu a poesia *Navio Negro*, do poeta baiano Castro Alves, comprovando assim seu itinerário de leitura: engajado, libertário e anti-racista. A ela bem cabe a metáfora de *Peregrina da Liberdade*. Mulher que saía desacompanhada, usava cabelos a *la garçonne* e saias que não cobriam os pés. Matéria de mulher, que a tornou inserida na História.

Exatamente nesse sentido, o pesquisador José Joffily (1980, p. 39) a compara à intelectual feminista do interior de São Paulo, mais precisamente de São João da Boa Vista, Patrícia Galvão, ou simplesmente Pagu. “Pelo que li de Geraldo Ferraz sobre Pagu, e pelo muito que ouvi sobre Anayde, não seria absurdo admitir que a moça paraibana, se tivesse sobrevivido, terminaria também ideologicamente engajada, impelida por uma insubordinação mais abrangente e mais rica em coerência, como é próprio das pessoas que se propõem a subir, de degrau em degrau, a escada da inconformidade até atingir posições capazes de viabilizar mudanças sociais mais profundas.” Complacente com a comparação do pesquisador José Joffily, é prescindível, inclusive fazendo jus ao título deste ensaio, retomar a parca produção literária da jovem Anayde Beiriz, que nos honra ter chegado às mãos. Lírica, com uma imaginação criadora marcadamente evadindo-se rumo ao sonho, ela escreveu:

Por que você escreve?

Eu escrevo para criar um mundo no qual possa viver. Procuo criar um mundo como se cria um determinado clima, uma atmosfera onde eu pudesse respirar. Devemos conquistar nossa força e edificar nossos valores com base no desenvolvimento pessoal e na descoberta de nós mesmos. Contra as desigualdades, as injustiças [...].

E acrescenta, voluntariamente exilada na produção literária, não apenas em texto acabado, estruturado definitivamente, sobretudo gerador de sentidos:

Se você não respira quando escreve, não grita, não canta, então sua literatura será limitada. Quando não escrevo, meu universo se reduz, sinto-me numa prisão. Perco minha chama, minhas cores. Escrever para mim é uma necessidade.

Literatura e Resistência

Ainda sobre Anayde Beiriz, revela-nos Aranha (2005, p. 96), que, numa atitude ética diante do mundo preconceituoso e segregador, que a cercava, corajosa, abordou a sua mestiçagem, ante o pudor branco das aristocracias rurais de Pernambuco e da Paraíba.

Eu possuo essa impetuosidade despreocupada e desinteressada dessa raça mestiça de que descende minha família paterna, também possuo, num grau tão alto como ninguém talvez possui, a altivez e o orgulho dessa raça de sertanejos a que pertenço a minha mãe [...]

E foi, justamente, um sertanejo que ela amou, João Dantas, uma paixão cujo desfecho, para os dois, infelizmente, consumou-se em tragédia, conseqüência do escândalo de 1930: quando as cartas de amor e a intimidade do casal foram devassadas em jornal paraibano, *A União*, em decorrência da fúria do inimigo político, João Pessoa, então presidente do Estado. João Dantas assassina o rival no Recife, onde o casal se encontrava. Será que o escândalo levou a jovem professora ao suicídio, ou a insuportabilidade da perda do ente amado? Digo isso, pois a Anayde era comum a feitura de textos que incluíam o erotismo, a problemática do amor. Por exemplo, cita José Joffily (1980, p.12), um trecho, lacônico, no qual a casa é a metáfora do corpo, espaço da consumação amorosa, exercício de vivência amorosa e erótica, presenciada pelas inanimadas e, portanto, silenciosas, telhas:

Nasci
Nasceu
Cresceu
Namorou
Noivou
Casou
Noite nupcial
As telhas viram tudo
Se as moças fossem telhas não casariam [...]

Mas nem somente de amor, erotismo e lutas de afirmação viveu, tal se apresenta o texto acima. *A priori*, trata-se de fragmento em forma de poesia, porém, observando-se melhor, percebe-se o transcurso da vida de mulher que, do nascer ao seu ponto principal, – no alvorecer do século passado, culminava com casamento. Assim, a vida se estabelecia e como que congelava as atitudes femininas. O casamento, espaço de consolidação da vida, era também o ponto final. Entretanto, no poema, a autora chama à baila o erotismo: se as telhas falassem... Pois, assim, revelariam o gozo das núpcias. Anayde Beiriz, através de questionamento, traz à ribalta a realidade de que poucos ousavam falar, sobretudo em forma de arte publicada, lida e divulgada aos leitores.

Num fragmento de outro texto, este intimista, citado no prefácio do livro *Anayde Beiriz: Paixão e Morte na Revolução de 30*, do mesmo José Joffly, a tônica do mar, portanto, da natureza, se insurge, tendo em vista que a autora viveu sempre à beira-mar, inclusive a cidade onde passou a lecionar crianças e adultos, após a formatura, é litorânea, Cabedelo. Assim, escreveu, em tom contemplativo, comum a quem se debruça sobre o mundo e dele se sente parte integrante: água marinha lavou os pés, sentiu a areia da praia, o silenciar das gaivotas, conjunto de acontecimentos provocadores de estranhamento. Diante de si? Sim, perante seus sentimentos. Este conjunto de sensações ordenou da seguinte maneira sobre o papel, mediante inclinações simbolistas. No texto “Lembrando as ondulações do mar”:

As ondas vinham beijar desenvoltadamente a areia e, ao envolverem meus pés, senti-me tomada de estranha sensação, como se me houvesse identificado com a natureza marinha.

A noite caía silenciosa [...]

Uma jangadinha, velas soltas ao vento, a subir e a descer, singrava o mar, dando adeus a terra. Tal partida repercutia em minha alma como se o seu adeus fosse o nunca eterno e fúnebre dos cemitérios.

Por fim o manto da noite envolveu toda a terra; as gaivotas emudeceram... e o mar, eternamente revolto, continuou a gemer, a gemer. Regressei.

E ainda se pergunta: “Embebendo o meu espírito a embalsamar toda terra, pensei: por que o indivíduo é tão pequeno diante das maravilhas de Deus?” Dessa forma, a narradora inicia uma série de

questionamentos sobre a pequenez da condição humana, mediante as maravilhas da obra divina. Então, como primeiro ponto a ser observado, Anayde Beiriz acreditava num Deus supremo, criador da ordem cósmica e da beleza da natureza, que, de tão esplendorosa, punha os humanos em condição de desvantagem. Será, então, que toda inteligência é sensível à natureza ou se trata de recurso feminino? Claro é que a escritora era sensível não somente ao humano, que a circundava, mas também às obras da criação divina. No entanto, muito mais por sua bravia luta pela liberdade, inclusive afetiva, que pela produção literária, será canonizada como *Peregrina da Liberdade*. Por liberdade, aqui, se entenda, também, a livre expressão humana: profissão de fé, realizada no texto citado.

Nesse sentido, por marcas sobre a História, tem provado a sua atemporalidade. Por exemplo, em 1999, às 17h, numa quinta-feira, a 8 de março, o Centro da Mulher 8 de Março instituiu o concurso: “A Paraibana Notável – A Mulher na Paraíba no Século XX”. Com comissão formada apenas por mulheres, sendo estas jornalistas e artistas, entre uma lista de 121 concorrentes, Anayde Beiriz galgou o segundo lugar entre as concorrentes. O evento aconteceu na sede da Associação Paraibana de Imprensa. Outros eventos marcaram a sua breve, porém intensa, passagem pela vida. Durante o X Festival Nacional de Artes, promovido pela Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego, de 12 a 20 de novembro, juntamente com o Centro Cultural Anayde Beiriz, foi promovida a exposição “Anayde Beiriz – Centenário de Nascimento”. Também no dia 29 de novembro de 2004, foi homenageada pela Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba, quando recebeu o título de Patrona da Cadeira Nº 16, ocupada por América Medeiros Cantisani. Pernambuco, não poderia deixar de ser, dados os vínculos históricos e afetivos, reverenciou a paraibana polêmica. O Fórum de Mulheres da Universidade Federal da Paraíba, o Sebo Cultural e a Universidade Federal de Pernambuco – através do Grupo de Trabalho “A Mulher na Literatura”, prepararam evento homenageando a escritora. Homenagens justas e merecidas a quem soube fazer História e provar, com a vida, que a liberdade independe do tempo em que se vive, e sim é fruto da coragem em realizá-la. Suicidou-se, no Recife, numa quarta-feira, às 11h, em 22 de outubro de 1930, por envenenamento.

Sobre os acontecimentos que envolvem sua morte, compactuo com José Joffly (1980. p. 46): “Anayde jamais tinha demonstrado vocação suicida. Amava a vida na plenitude dos seus 25 anos. Livrou-se da vida não por amor à morte e sim porque não havia outro jeito.” Antes, porém, de concluir este ensaio, é possível o debruçar sobre fragmentos de texto escrito por ela e publicado, postumamente, pela *Revista Ilustração*, na primeira quinzena de maio de 1938, página 14. Trata-se de longo poema, intitulado *De uma carta que te escrevi e que não te envie*, contendo a clássica cena do ciúme feminino, ante a traição masculina, quadro de realismo, estilo simples e claro, objetivo, como foi, em vida, a autora, tocando sempre em aspectos ousados, tais como o sabor do beijo, o fulgor das paixões e a ousadia em vivê-las. A personagem da trama, por sua vez, argumenta admirar os homens que não fogem das paixões, buscando, nestes, fortaleza. Enquanto à mulher, cabe a luta pela manutenção, consigo, do seu amado. Transfigura fato negativo: a traição; em positivo: a luta pela reconquista do ente amado. Confirma Ana Maria Coutinho de Sales: “falar de amor e sensualidade, no começo do século XX, era uma transgressão às regras impostas socialmente. Mais uma vez, confirmamos a força insuspeitável que as palavras têm.” Sobretudo em Anayde Beiriz... Por fim, ante a leitura do último texto, resalto apenas que as partes em colchetes encontram-se danificadas, no original depositado em arquivo.

De uma carta que te escrevi e não te envie

Não! Eu não hei de chorar [...]

Tu me conheces bem pouco. Por isto é que me falas em lágrimas.

Só os desesperados é que choram e eu continuo a esperar [...]

Pouco se me dá saber da tua nova paixão [...]

É tão vulgar a existência de outra mulher no destino do homem que a gente deseja [...]

E, bem sabes, no amor, como em tudo, apenas me seduz a originalidade [...]

A razão por que gostei de ti?

Porque pensei que tu eras louco [...]

Tive sempre a extravagância de achar deliciosos os loucos que julgam ter juízo [...]

Desiludiste-me afinal!

[...] E é tão desinteressante um homem ajuizado que finge de louco [...]

Dizes que me procurarás esquecer. Ingênuo!

Desafio-te a que o consigas [...]

As marcas das minhas carícias não foram feitas para desaparecer facilmente [...] Mil outros lábios que se incrustarem na tua boca não arrancarão de lá a lembrança da minha [...]

Mas, se ainda assim, o conseguireis, a tua vitória não será duradoura. Não há vantagem em esquecermos hoje o que temos de lembrar amanhã [...]

Apraz-te que eu guarde os meus beijos [...]

Guarda-los-ei, por enquanto.

Advirto-te, porém, que os beijos são como os vinhos raros, quanto mais velhos, Melhor embriagam [...]

Enganas-te se pensas que entre nós dois tudo está terminado [...]

Se agora é que começou [...]

A nossa história, hoje, está bem mais interessante [...]

E tu fizeste para mim, muito mais desejado [...]

Porque tenho que te arrancar do domínio de outra mulher [...]

No entanto, eu já não te amo [...]

Admiro os homens fortes e tu és um covarde:

Tens medo do meu amor. Receias o delírio febril do meu desejo, a exaltação diabólica do meu sensualismo, a impetuosidade selvagem da minha volúpia [...]

Sonhar um afeto simples, monótono, banal [...] Um afeto que toda mulher pode dar [...]

Tu, um artista!

Fazes bem em procurá-lo distante de mim

O meu amor é bem diferente: é impulsivo, torturante, estranho, infernal [...]

Ouve, contudo, o que te digo: há de experimentá-lo ainda uma vez [...]

Então veremos quem de nós dois chorará [...]

REFERÊNCIAS

ARANHA, Marcos. *Anayde Beiriz: pantera dos olhos dormentes*. João Pessoa: Manufatura, 2005.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na Literatura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

CALDAS, Joaquim Moreira. *Porque João Dantas assassinou João Pessoa: o delito do “Glória” e a tragédia da Penitenciária do Recife, em 1930*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1934.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. *História geral da civilização brasileira. O Brasil republicano. Estrutura do poder e economia – 1889-1930*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. Tomo 3.

JOFFLY, José. *Anayde Beiriz: paixão e morte na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1980.

LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

LUNA, Maria de Lourdes. *João Dantas e Anayde Beiriz: vidas diferentes destinos iguais*. João Pessoa: A União, 1995.

MEIRELLES, Domingos. *1930 – Os órfãos da Revolução*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MELO, Frederico Pernambucano de. *Tragédia dos blindados: a Revolução de 30 no Recife*. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2006.

NETO, Olímpio Bonald. *Ideologia nos anos 30 – Modernismo, Regionalismo, Integralismo*. Recife: Bagaço, 1996.

NOVAIS, Fernando A. (Org.). *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v. 3.

REVISTA DA CIDADE, Recife, ano 3, n. 100, 21 abr. 1928.

_____, Recife, ano 3, n. 125, 13 out. 1928.

SALES, Ana Maria Coutinho de. *Tecendo fios de liberdade: escritoras e professoras da Paraíba do começo do século XX*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 2005.

SCHUMAHER, Schuma. *Dicionário das mulheres do Brasil: 1500 até a atualidade: biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

RESUMO

Banida da História oficial, Anaide Beiriz mostra uma trajetória pessoal polêmica. Ela cometeu um crime imperdoável: com vinte e poucos anos, ousou amar livremente no século passado. Além disso, publicou, em revistas do Recife, uma crônica sobre o amor, a liberdade da mulher e os beijos com sabor de pitanga. Seu grande destaque, no entanto, foi insubordinar-se contra o mundo de então. Ela viveu sua grande paixão com o advogado João Dantas, executado na Casa de Detenção do Recife, após condenação pelo assassinato de seu rival político, João Pessoa. Isolada, triste e magoada, exilou-se na prisão congregacional feminina do Bom Pastor, onde chegou apresentando sintomas de envenenamento. Este texto trata de tais fatos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Mulher. Exclusão social. Recife.

ABSTRACT

Banished of the official History, Anaide Beiriz shows a polemic personal trajectory. She committed an unforgivable crime: she dared to love freely in her twenties in the past century. Besides, she published a text, in Recife's magazines, about love, about women's freedom, and about kisses tasted like *pitanga* fruit. Her main mark, however, was her insubordination against world as it was then. She lived a deep passion with lawyer João Dantas, executed at the Detention House in Recife, convict of murdering his political rival, João Pessoa. Isolated, sad and hurt, she was exiled at the Bom Pastor female congregation prison, where she arrived poisoned already. This text deals with those facts, among others.

KEY WORDS: Literature. Woman. Social exclusion. Recife.

